



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

[Recensão crítica a 'Camilo Pessanha em Dois Tempos', de Gilda Santos]

Ida Alves

Para citar este documento / To cite this document:

Ida Alves, "[Recensão crítica a 'Camilo Pessanha em Dois Tempos', de Gilda Santos]",
Colóquio/Letras, n.º 175, Set. 2010, p. 217-220.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

nante» (p. 126). Assertivo: «Muitas são as questões que esta leitura destragificadora do texto camiliano põe na mesa» (p. 132). Sim?

«Justiça e Perdição», de Ângela Fernandes, abre com frágil tese: «Que esta sentença foi injusta, ou pelo menos cruel, eis o argumento central do romance» (p. 135). Os ensaios anteriores desmentem, não que Simão expie um gesto sancionado pela lei, mas «principalmente a sua incapacidade de um amor absoluto e perfeito — pois é esta a sua verdadeira culpa, uma culpa que os tribunais comuns não saberão descortinar, mas o tribunal dos leitores sensíveis apreciará e julgará na sua complexidade» (p. 145). É meritório lembrar este *tribunal* de leitores, e quanto, no comportamento do herói, envolve a *defesa* de Camilo, em vésperas de acusação.

Ernesto Rodrigues

Gilda Santos e Izabela Leal
CAMILO PESSANHA EM DOIS
TEMPOS

Rio de Janeiro, 7Letras / 2007

Há poetas que não cessamos de escutar. É o caso de Camilo Pessanha, voz de música e fluidez que marcou para sempre o lirismo de língua portuguesa. E é porque os seus versos continuam a ecoar, a provocar interrogações, que regressamos sempre a *Clepsidra*, a esse conjunto incompleto dos seus poemas organizado primeiro e publicado em 1920¹ por Ana de Castro Osório.

Um desses retornos é realizado por um livro publicado no Rio de Janeiro em 2007 pela Editora 7Letras, que tem vindo a colaborar na divulgação da literatura portuguesa e de estudos referentes, principalmente na área de poesia. Trata-se da junção de dois ensaios produzidos em tempos diferentes de reflexão crítica sobre

esse poeta singular do simbolismo português, resultado do encontro de duas investigadoras: Gilda Santos e Izabela Leal.

O projecto da edição é explicado no breve prefácio assinado por Cleonice Berardinelli: em 1980, a então mestranda Gilda Santos defendia, sob a sua orientação, uma das primeiras dissertações brasileiras sobre a obra de Pessanha. Décadas depois, essa jovem professora tornou-se uma reconhecida divulgadora da literatura portuguesa no Brasil e referência, aí mas não só, dos estudos sobre a obra de Jorge de Sena, contribuindo, por sua vez, para a formação de novos mestres e doutores na área de Letras Vernáculas, ao longo da sua carreira no magistério superior da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Entre esses novos pesquisadores, co-orientou, com a Professora Cleonice Berardinelli, a mestranda Izabela Leal, que, em 2003, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, defendeu a sua dissertação de mestrado igualmente sobre o poeta de *Clepsidra*. Para celebrar então os 140 anos do nascimento do poeta e os anos de magistério de Gilda Santos, «precocemente aposentada, depois de 30 profícuos anos de magistério na UFRJ» (p. 7), o Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas dessa universidade promoveu a publicação num mesmo volume das duas dissertações de mestrado dedicadas ao poeta, com a certeza de que o leitor especializado teria em mãos uma contribuição séria e relevante para o fortalecimento das pesquisas sobre a sua obra.

O gesto de edição representou também a valorização do esforço académico que se faz no Brasil para manter, fomentar e divulgar o estudo, a crítica e o interesse reflexivo sobre a literatura portuguesa, a qual, muitas vezes nesse espaço, é tão estrangeira quanto outras que não se expressam em português. Por isso, nunca será demais enfatizar a importância da veiculação desses

trabalhos de qualidade, da sua circulação e o subsídio que tais pesquisas dão para os estudantes universitários de Letras e demais interessados. Mas, para além disso, o livro *Camilo Pessanha em dois tempos* importa por reunir de forma equilibrada as duas leituras, as quais, com objectivos diversos e metodologias próprias, acabam por dialogar entre si, promovendo o aprofundamento de trajectos críticos e interpretativos da poesia de Pessanha.

De início, apresenta-se o trabalho de Gilda Santos «Clepsidra, Uma Via de Leitura», com a nota informativa sobre ter sido mantida a versão da dissertação de mestrado defendida em 1980, «salvo revisões no discurso ou mudanças expressamente declaradas no texto» (p. 89). A abordagem testemunha assim o estado de leitura analítica daquele momento sobre a poética de Pessanha, enquanto a revisão feita pela autora para a publicação actual dá conta, na introdução e em notas, dos avanços críticos que foram alcançados com as contribuições valiosas de estudiosos como Paulo Franchetti (Brasil), Barbara Spaggiari (Itália) e Daniel Pires (Portugal). Frente ao novo conjunto de pesquisas, observa:

«Hoje, nesta versão impressa da mesma Dissertação, podemos dizer que as edições críticas, e respectivos estudos, de Paulo Franchetti e Barbara Spaggiari, em perspectivas filológicas bem diferentes, vêm suprir a penúria com que nos deparávamos em 1979. E, embora o «problema» ecdótico da poesia de Pessanha ainda possa render inúmeras pesquisas e suscitar muitas controvérsias, certo é que o seu leitor-crítico sente-se agora a pisar em terreno mais seguro. Tirando benefícios deste novo quadro, seguiremos aqui, para efeito de transcrições, a última edição de *Clepsidra* de que tomamos conhecimento: a de Daniel Pires, de 2006» (p. 21).

Nesse trabalho, por conseguinte, claramente datado e inicial, a ensaísta buscou demonstrar que há na *Clepsidra* «uma estrutura narrativa, em que o narrador-protagonista nos revela as etapas e os movimentos de uma trajetória de vida, da qual resulta sua particular forma de apreensão do mundo» (p. 23). Valeu-se para isso, metodologicamente, de uma abordagem recorrente nos anos 80 envolvendo as *funções* da narrativa segundo terminologia de Roland Barthes e a crítica dos arquétipos pensada por Bachelard, Durand e Eliade, já que «um substrato simbólico primitivo nos parece extremamente significativo na *Clepsidra*» (p. 24). A autora buscou desenvolver ainda a ideia de um *Ser-Itinerante* (*Homo Peregrinator*) na poética de Pessanha, o qual se evidenciaria tanto no nível do enunciado quanto da enunciação, em movimentos de avanço e de recuo (um *continuum* de viagem, a rememoração, uma trajetória discursiva e o exercício implícito e explícito de metalinguagem).

Lido hoje, o trabalho de Gilda Santos revela-se, na simplicidade declarada dos seus objectivos, ainda pertinente, pois possibilita uma iniciação segura à escrita de Pessanha a partir dos seus principais núcleos imagéticos: a viagem, a configuração de paisagens subjectivas e a articulação entre sujeito, mundo e discurso: «é justamente nesta perspectiva que queremos retomar *Clepsidra*, de Camilo Pessanha, estabelecendo na obra o percurso de uma via e os rumos de um discurso, sem deixar de frisar o que há nesta trajetória de descoberta do mundo, de aprendizagem, de autoconhecimento, de incursões metafísicas, tal como nos primitivos mitos do itinerante» (p. 17).

A segunda parte do livro apresenta o estudo «‘Estranha Sombra em Movimentos Vãos’: Imagens da Escrita Poética em Camilo Pessanha», assinado por Izabela Leal, actualmente professora de Literatu-

ra Portuguesa na Universidade Federal do Pará. Trabalho recente, como referimos, valeu-se já do fortalecimento de pesquisas diversas sobre a obra do poeta e do confronto de leituras realizadas, inclusive em relação à própria investigação de Gilda Santos, o que lhe possibilitou uma perspectiva mais sedimentada para a sua análise e, ao mesmo tempo, serviu de incentivo para o encontro de um ponto de vista, na medida do possível, original.

Inicialmente, parte de um conjunto de quatro fotografias de Pessanha («C. Pessanha e João P. Vasco em Macau, cerca de 1896», «Junto ao Rio das Pérolas, Macau, cerca de 1903», «Na Chácara do Leitão, Macau, 1921» e «Vestido de mandarim, com a irmã, cerca de 1897») para questionar uma preferência manifesta do poeta pela encenação do homem/do artista, compreendendo a ensaísta que está latente nesse *outrar-se* «um certo desejo de acolher a morte e de encená-la no próprio corpo» (p. 104). Por isso, no seu ensaio, a questão nuclear discutida é a configuração da morte na linguagem poética de Camilo Pessanha, desde as imagens articuladas pelos sentidos, pela vivência do mundo (o tempo, as estações, a natureza) até à própria experiência da poesia. Em vista disso, toda a atenção analítica se dirige para a problematização da escrita como complexa actividade de desaparecimento, seguindo fundamentalmente a reflexão de Maurice Blanchot e as leituras críticas sobre a poesia de Pessanha construídas por Paulo Franchetti e sobretudo Gustavo Rubim, no seu *Experiência da Alucinação. Camilo Pessanha e a Questão da Poesia* (Lisboa, Caminho, 1993), abordagens que enfatizam, segundo Izabela Leal, «a necessidade de desvincular as análises da obra de Pessanha de uma visão psicologista, baseada nos diversos 'mitos' que, ao longo do tempo, foram desenhando a imagem exótica do poeta» (p. 105).

De forma diversa do trabalho da primeira autora, em que o livro *Clepsidra* é explorado em diversas direcções, a segunda opta por um *corpus* restrito para desenvolvimento das suas hipóteses de leitura, considerando que esses fragmentos da obra permitem que o todo possa ser examinado «mas sem que o todo exista necessariamente como um fechamento do conjunto» (p. 106). Destaca, portanto, o poema inicial «Inscrição», o soneto «Imagens que passais pela retina», o poema mais longo «Branco e Vermelho» e o «Poema Final». Essa selecção pontual exige uma investigação mais densa para comprovação dos seus percursos de análise: a relação entre o fazer poético e as formas de distanciamento do eu, constituindo o *outro*; a obra como espaço de inconclusão a partir do questionamento do próprio lirismo e a percepção do horizonte da morte como experiência de desejo sempre insatisfeito da escrita, trajectos hermenêuticos que Izabela Leal percorre com inteligência crítica e sensibilidade analítica.

«Assim, paira aqui uma pergunta sem resposta definitiva [...] e o sabê-lo impregna a sua obra de uma dolorida angústia. Angústia que se transmite também ao leitor e torna a obra de Pessanha definitivamente uma obra *incómoda*. Talvez seja isso que tenha levado tantos comentadores a aprisioná-la em um decalque da vida do poeta, ou a circunscrevê-la ao movimento simbolista, opções mais tranquilizantes e pacificadoras. Mas negar-se à angústia seria descuidar-se da obra que o poeta nos legou, seria abrir mão da possibilidade de entrarmos, nós também, nesse deserto sem caminhos que a constitui» (p. 172).

São estudos independentes que reconhecem os seus limites de abordagem e buscam exactamente nessa consciência o desenvolvimento de leituras *flexíveis* do

poeta de *Clepsidra*, na medida em que não desejam submeter a sua poesia a uma estrutura fechada ou *autoritária* de compreensão. Valorizam uma análise rente aos textos poéticos, discutem outras abordagens interpretativas e propõem a ultrapassagem da imagem «exótica» do poeta para fixar a atenção nas questões de linguagem lírica suscitadas pela sua produção, objetivo maior que não é, porém, plenamente realizado pelos dois trabalhos, dado o seu carácter introdutório à complexidade compositiva da escrita de Pessanha.

O livro oferece, portanto, dois ensaios afastados no tempo, sim, mas bem próximos e comunicantes no fascínio pela poética de desassossego desse que conseguiu realizar «um puro milagre de murmúrio rigorosamente verbal, cuja alada forma a língua portuguesa nunca tivera e não tornou ainda a ter» (Jorge de Sena²).

Ida Alves

NOTAS

¹ Sobre a problemática que envolve as edições de *Clepsidra*, continua indispensável a leitura da introdução crítica à edição portuguesa de *Clepsidra*, de 1994 (Relógio d'Água Editores), organizada por Paulo Franchetti, professor da Universidade de Campinas – Unicamp (Brasil) e hoje um dos mais importantes estudiosos da obra do poeta português.

² Jorge de Sena, *Estudos de Literatura Portuguesa I*, Lisboa, Edições 70, 1982, p. 165, transcrita na segunda badana do livro.

Pedro Eiras

TENTAÇÕES

ENSAIO SOBRE SADE E RAUL BRANDÃO

Porto, Deriva / 2009

O livro *Tentações*, de Pedro Eiras, resulta da revisão, desenvolvimento e articulação de dois textos divulgados originariamente em separado: «Sade e Raul Brandão», de

2007-2008, e «Raul Brandão e o Marquês de Sade: *ars moriendi* para iconoclastas», de 2007, conforme indica o autor na Nota final do livro (p. 190). Aqui, porém, cada um dos textos originais se converteu, respectivamente, no Prefácio e no Posfácio de um ensaio, *Tentações*, composto apenas por um fragmento de uma frase — «... com a fúria de um evangelista...» —, simbolicamente posicionado na página 111 do livro. O ensaio em si é assim o vínculo, o *articulus* que liga os dois artigos primitivos, num gesto que tem tanto de perigoso quanto de pertinente, uma vez que a verdadeira proposta do autor é a (re)leitura das obras dos dois escritores em análise a partir de uma série de dobradiças de que «com a fúria de um evangelista» parece ser mera metonímia em forma de provocação: «havia a tentação de ler Sade através de Brandão e vice-versa. Ler, especialmente, *Húmum* com *Justine*, e *Diálogo entre Um Padre e Um Moribundo* com *O Avejão*» (p. 7).

Apesar do papel aparentemente insólito que desempenham, o Prefácio e o Posfácio acabam por fazer todo o sentido: no prefácio, espaço do desejo da obra, Pedro Eiras analisa e religa os modos e a expressão do lugar de Eros nas obras de Sade e de Raul Brandão; no posfácio, espaço do velório da obra, Eiras traça, nas suas próprias palavras, o esboço do «último *telos*: a morte» na ficção dos dois escritores. *Eros* e *thanatos*: do lugar do outro ao lugar do morto. Ou ao do moribundo, se nos lembrarmos que, como sugere o ensaísta a propósito das singulares *ars moriendi* de Sade e Raul Brandão, «a proximidade da morte confere autoridade» (p. 119). O que continua a fazer todo o sentido: depois do prefácio, exercício de sedução com o qual se visa a *captatio benevolentiae* do leitor, eis o posfácio, orgulhoso exercício da autoridade do autor. Por outro lado, se na letra o ensaio pro-